

**O LUGAR DO CONHECIMENTO DE MUNDO
NA AULA DE LÍNGUAS**

Renata da Silva de Barcellos
rsbarcellos@ig.com.br

O mundo moderno exige pessoas preparadas para enfrentar e absorver as novas formas de mensagens que chegam até elas. (Adilson Citelli)

A partir do que é preconizado pelos PCN, esta comunicação pretende sensibilizar os professores de LM e/ou de LE a respeito da importância de se explorar o conhecimento de mundo (CM) concomitantemente com o programa a ser cumprido da disciplina ministrada.

LDB E PCNs

Segundo a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96), a finalidade do Ensino Básico e do Médio é “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (1999, p. 22).

Com relação à disciplina Língua Portuguesa, a LDB aponta uma reflexão sobre seu uso na vida e na sociedade. No artigo 22, os currículos do EF e/ou EM devem ter uma base comum e uma parte diversificada (“exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”). Já no inciso 1, não só o ensino de Português e de Matemática é obrigatório, como também “o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil”.

O ENSINO DE LÍNGUAS

Já os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram elaborados na década de 90 com a intenção de transformar o sistema educativo, ou seja, melhorar a qualidade do ensino. Por isso, uma sugestão é de o professor desenvolver um trabalho integrando o conteúdo a ser trabalhado com os fatos sociais, através, por exemplo, da utilização de material proveniente da mídia como: a linguagem da televisão, do jornal, da publicidade, da charge, da tirinha jornalística etc.

Cabe ressaltar que as propostas de atividades apresentadas para os professores de LM e/ou de LE estão pautadas na concepção sócio-histórica de Vygotsky. Teoria essa que aborda à questão da interação social, pois, segundo o autor, o desenvolvimento humano “se dá, portanto, de fora para dentro” (1994, p. 18). Ao elaborar atividades cujo ponto de partida seja o conhecimento de mundo do aluno, todo o fazer pedagógico do professor desenvolverá a zona de desenvolvimento do aluno. Então, o aluno conseguirá realizar as atividades que lhes forem propostas com autonomia, pois “o que antes era desenvolvimento potencial passou a ser desenvolvimento real” (Vygotsky, 1994, p. 30).

LÍNGUA MATERNA (LM) – LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE) E CONHECIMENTO DE MUNDO (CM)

Como a *linguagem* é “a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los em sistemas arbitrários de representação” (PCNs, 2002, p. 124), neste trabalho, é considerada como um ato de comunicação. E como tal, faz-se necessário dizer que há três tipos: *a verbal*, que se realiza através de uma língua, *a não-verbal*, que pode ser um gesto, um desenho etc.; e a *paraverbal*, a entonação. Segundo Bechara, o professor de LM e/ou de LE é professor de linguagens. Por isso, na nossa prática pedagógica, devemos contemplar esses três tipos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ao longo do tempo, a escola ficou restrita ao uso da linguagem verbal e a sua exploração. Porém, atualmente, com a evolução da tecnologia, há a necessidade de trabalhar a linguagem não-verbal. Então, para se obter melhorias na qualidade do ensino, a escola precisa de professores capacitados para que haja transformação na sua estrutura, a partir da sua nova prática pedagógica adotada.

Ao utilizarmos a linguagem não-verbal, nós, professores, desconstruímos o conceito que as pessoas têm do que seja texto (um conjunto de signos linguísticos) e passam a entendê-lo como sendo “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente do ponto de vista da ação ou da comunicação” (Bronckart, 1999). O *texto* é o elemento básico com que devemos trabalhar no processo de ensino de qualquer disciplina. É através dele que o usuário da língua desenvolve a sua capacidade de organizar o pensamento/conhecimento e de transmitir ideias, informações e opiniões em situações comunicativas. Contudo, para nos expressarmos seja na LM, seja na LE, precisamos ter CM. O que é afinal isso? É o conjunto de informações a respeito das diversas áreas do saber e do que está acontecendo no seu país e no mundo. Por exemplo, vejamos as charges abaixo:

A- Caso Ronaldo:



(*O Globo*, 2008)

O ENSINO DE LÍNGUAS

Só podemos entender a charge se soubermos quem são as pessoas (no caso, a travesti Andréa e o jogador Ronaldo) e qual é o assunto encenado (o episódio do motel Papillon em que o jogador se envolveu com travestis). A partir do CM, podemos fazer a seguinte leitura da charge: a imagem do Ronaldo está “em baixa” - comprometida – o que provocou perdas financeiras com relação a contratos; ao contrário de Andréa que, devido ao “problema”, está em ascensão – em evidência – são seus “cinco minutos de fama”.

B- Caso bolsa ditadura



(O Globo, 2008)

Para compreender essa charge é preciso saber responder as seguintes questões: o que é bolsa ditadura? a quem foi concedida? qual é o seu valor? quem são os dois personagens na cruz? e o por que foi dito “por que no te callas?”. Devemos lembrar que essa frase foi dita pelo rei Juan Carlos da Espanha.

Língua estrangeira

Aprender a LM ou uma LE não significa apenas decodificar códigos linguísticos e dominar as diferentes variantes para que não ocorra gafe e/ou mal-entendido como no exemplo a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

seguir: na festa de lançamento da novela “Paraíso Tropical”, no Copacabana Palace, uma repórter portuguesa se dirige à atriz Beth Goulart e lhe pergunta:

– Você é uma mãe galinha?

Com os olhos arregalados, Beth Goulart ouve a explicação da repórter.

– Aquela que coloca os filhos embaixo das asas.

– Ah, tá. Aqui galinha é outra coisa (risos).

(*O Globo*, 05/03/2007)

A aprendizagem de uma LM e/ou LE implica um processo amplo que envolve vários aspectos, dentre eles, o conhecimento de mundo (o domínio, por exemplo, dos costumes de um povo). Não basta apenas falar um idioma, precisamos conhecer os hábitos dos seus falantes.

Mas mesmo assim, nós, professores de LE, devemos conscientizar os alunos de que é ilusão pensar que nos tornaremos o outro, isto é, “aprenderemos” uma LE e nos expressaremos fluentemente como um alemão, francês, inglês etc. Atualmente, com a globalização, os métodos estão sendo elaborados segundo os preceitos da abordagem comunicativa. Para essa abordagem, o que interessa é o aluno se fazer compreender (não sendo prioridade a forma como se expressa, ou seja, se está fazendo os devidos acordos, regências etc.). Precisamos nos conscientizar de que o estrangeiro sabe que estamos nos expressando em outra língua. Evidente que é necessário considerarmos a finalidade do uso da língua. Se por acaso for para fins profissionais, como para a função de professor ou de secretária executiva é exigido um bom conhecimento da língua, da norma culta. Então, ao nos dispormos a aprender uma língua, devemos estar cientes de que não somos o outro e nunca o seremos. Sendo assim, ao ministrar suas aulas, é função do professor fazer este esclarecimento para o aluno, mostrando-o, na medida do possível, que cada povo tem uma visão de mundo.

O ENSINO DE LÍNGUAS

Enfim, enquanto professores de LE, precisamos criar condições para que o aluno se expresse, se fazer compreender. Para isso, devemos propor diálogos, encenações a partir de temas pertinentes ao panorama sócio-histórico-cultural-econômico da sociedade no qual estamos inseridos, a fim de desenvolvermos um ensino reflexivo, e, por consequência, tornarmos o ensino cada vez menos superficial.

TEXTO JORNALÍSTICO

Atualmente, observamos a crescente utilização de texto jornalístico na sala de aula. Tal prática vem sendo cada vez mais adotada pelo fato do professor verificar a necessidade de desenvolver no aluno a habilidade de leitura de textos diversos de acordo com os objetivos das diferentes disciplinas. Assim, o texto da imprensa oferece ao aluno a possibilidade de compreender os fatos sociais, discuti-los e verificar a praticidade do conteúdo aprendido, dentre outros. Segundo Carmagnani, o professor, ao utilizar o jornal na sala de aula, verifica com os alunos “as condições de produção desse tipo de texto, discutem seus sentidos possíveis, bem como questionam suas prováveis omissões, distorções e recursos argumentativos” (*apud* Coracini, 1985, p. 125).

Dentro dessa perspectiva, o *texto jornalístico* é entendido como: “uma unidade textual que é parte de um conjunto maior de significados que a constitui” (*ibidem*, p. 127). Como cada parte do jornal tem uma função específica e um gênero textual predominante, o discurso jornalístico atribui um aspecto didático aos discursos midiáticos, uma vez que transmite informações sobre os acontecimentos de diferentes formas.

Sendo assim, a recepção do jornal por parte do leitor é fundamental, pois sem ele a instituição jornalística não existiria. Se a instituição jornalística não funciona sem leitores, e se ela busca atraí-los como consumidores, segundo Mariani, há

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que se considerar que todo jornal noticia para determinados segmentos da sociedade, produzindo uma imagem de leitor suposta em tal segmento (1998, p. 57). O leitor confere ao jornal/jornalista o papel de informá-lo acerca dos acontecimentos.

Outra questão crucial é de o professor ao trabalhar um discurso jornalístico, levar o aluno a compreender o processo de significação de cada jornal, ou seja, mostrará ao aluno que cada um está relacionado a um posicionamento político. E, ao mesmo tempo, o professor deve elucidar que a escolha está relacionada aos sentidos produzidos por um determinado jornal e a formação discursiva do leitor. Ao ter consciência dessas questões, o aluno pode ser considerado um leitor-crítico.

Enfim, é preciso que o professor adote na sua prática pedagógica jornal com o intuito de explorar vários temas, pois se trata de um material midiático com o qual o aluno (de um modo geral) manuseia no seu cotidiano.

A partir dessas considerações, na próxima parte, apresentaremos sugestões de atividades com as diferentes partes de um jornal.

Explorando o jornal na sala de aula de línguas

Com relação à seleção do corpus, devem ser escolhidos não só com base nos temas transversais: ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo, que são temas de interesse dos jovens; como também relacionados aos conteúdos trabalhados, a fim de cumprir o programa de uma determinada série. A escolha de um determinado texto jornalístico deve estar de acordo com os seguintes critérios: primeiro, habilidade do autor, visto que através da linguagem verbal e icônica, resgatam-se os fatos sociais, dependendo do gênero do texto jornalístico, de modo criativo e divertido; segundo, importância social, são abordados temas

O ENSINO DE LÍNGUAS

de diferentes natureza vigentes na sociedade e, dependendo da parte do texto jornalístico, um fato social ou qualquer tema pode ser tratado de forma bem-humorada, objetivando denunciar e criticar os problemas de nossa sociedade ou vender algum produto; e terceiro, função que desempenham, não só de informação, como também de entretenimento, a fim de levar o leitor à reflexão, à consciência crítica e/ou a adquirir algum produto.

Cabe ressaltar também que as propostas de atividades apresentadas para os diferentes profissionais estão pautadas na concepção sócio-histórica de Vygotsky. Teoria essa que aborda à questão da interação social, pois, segundo o autor, o desenvolvimento humano “se dá, portanto, de fora para dentro” (1994, p. 18). Ao elaborar atividades cujo ponto de partida seja o conhecimento de mundo do aluno, todo o fazer pedagógico do professor desenvolverá a zona de desenvolvimento do aluno. Então, o aluno conseguirá realizar as atividades que lhes forem propostas com autonomia, pois “o que antes era desenvolvimento potencial passou a ser desenvolvimento real” (Vygotsky, 1994, p. 30).

Assim, com base no que é veiculado na mídia, o professor dispõe de um amplo material oferecido pelo jornal para ilustrar suas aulas. Cabe a ele selecioná-lo de acordo com o interesse do aluno e com o conteúdo trabalhado. A partir da sua escolha, deve explorá-lo a fim de facilitar o processo de ensino/aprendizagem e de que o aluno perceba a praticidade do conteúdo trabalhado. Vejamos, então, alguns exemplos:

A. Título de matéria

A 1- “Cafetina diz que governador de NY era voyeur”.
(*O Globo*, 24/03/2008).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- 1- Comentar o caso do governador de NY.
- 2- Localizar a região - NY-
- 3- Explicar o termo cafetina e trabalhar o nível de linguagem:
- 4- Significado do termo “Voyeur”.
- 5- Formação de palavras do termo “voyeur”.
- 6- Produção textual – tema: traição.

A 2- “Os 24 marajás do ‘trem da alegria’”. (*O Globo*, 22/02/2008)

- 1- Classificação tônica da palavra “marajás”.
- 2- A função das aspas.
- 3- Significado da expressão “trem da alegria”
- 4- Produção textual - tema: corrupção e impunidade.

A 3- “Lei seca: aparelho do IML está desligado”. (*O Globo*, 28/ 07/2008).

- 1- O que significa “lei seca”?
- 2- Qual é a formação de palavra de IML? O que significa?
- 3- Debate sobre a lei seca.

B. Charge A – da página 2

1- Observe a charge e cite dois verbos que sejam exemplos de antônimo.

C. Charge B – da página 2

- 1- Leia a charge e destaque:
 - um ditongo decrescente:
 - um encontro consonantal próprio:

O ENSINO DE LÍNGUAS

2- Dê a função do travessão e das reticências.

A partir dos textos jornalísticos (impressos, televisivos e/ou digitais), semanalmente, faço perguntas de CM. Por exemplo, no retorno das férias de julho, indaguei os alunos sobre os fatos ocorridos. Vejamos algumas questões:

– Quem foi a atriz brasileira que faleceu? Qual foi a causa? Quantos anos?

– Por que Ronaldo fenômeno tornou-se motivo de piada?

– Quem é Daniel Dantas? E Natalino Guimarães?

– O que é “wi-fi”?

– O que aconteceu com Zeca Pagodinho? E com João Ubaldo Ribeiro?

– O que é comemorado no dia 26/07?

CONCLUSÃO

A ação pedagógica reflexiva e interdisciplinar visa à construção de uma escola participativa e decisiva na formação do cidadão. Para isso, é preciso que o professor ofereça instrumentos para que o aluno articule os conhecimentos das diversas áreas do saber com a sua vida fora da escola (com a realidade da sociedade na qual está inserido). Podemos dizer que a exploração do CM é fundamental e tem por consequência o exercício da cidadania.

Quanto à LM, ao ingressar na escola, o aluno já é falante da sua língua mãe. Competindo, então, a nós, professores, proporcionarmos momentos de reflexão acerca do funcionamento da mesma (através de um ensino mais discursivo e menos classificatório), não nos restringindo à classificação e muito menos à utilização da mesma metodologia e estratégias da LE.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A LE requer outra abordagem e esta será determinada segundo os objetivos do aluno e as condições onde o processo de construção deste tipo de conhecimento se dará.

Afinal, numa concepção de ensino reflexivo, o aluno é considerado como atuante, construtor de seu próprio saber. Para isso, devemos desenvolver atividades que contribuam para a formação de indivíduos críticos, autônomos e participativos. Portanto, professor, adote esta ideia!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2002.

CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 1996.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1995.

———. *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GADOTTI, Moacir. *Projeto político-pedagógico da escola cidadã*. PPP, 1998.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: A teoria na prática*. São Paulo: Artmed, 1996.

O ENSINO DE LÍNGUAS

GAVAZZI, Sigrid & PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (org.). *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCONDES, Beatriz (org.). *Como usar outras linguagens na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2000.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.